

# MACHADO DE ASSIS E A *SOCIEDADE DO ESPETÁCULO*: DIÁLOGOS NO GRANDE TEMPO A PARTIR DO CONTO “TEORIA DO MEDALHÃO”

Letícia Queiroz de Carvalho<sup>1</sup>  
Marcela Alvarenga Toniato Cora<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo buscamos estabelecer aproximações entre duas distintas culturas: a do Século XIX e a do Século XXI, de acordo com a análise do conto de Machado de Assis, “Teoria do Medalhão”. Para isso, buscamos o diálogo do texto machadiano com a crítica literária contemporânea através das reflexões de Guy Debord na obra *Sociedade do Espetáculo*, de Paula Sibília em *O Show do Eu*: a intimidade como espetáculo e de Mikhail Bakhtin com o conceito de “grande tempo” em tradução de Paulo Bezerra. Por meio dessa interlocução, visamos ampliar a construção de sentidos na leitura literária e encontrar a atualidade do conto machadiano dois séculos depois de sua criação.

**Palavras-chave:** Grande tempo, Literatura, Machado de Assis, Sociedade do espetáculo.

## Introdução

O artigo visa dialogar com duas sociedades: a do século XIX e a do século XXI, diante de uma leitura crítica do conto “Teoria do Medalhão” de Machado de Assis, no âmbito de elementos extralinguísticos próprios do nosso tempo. Então, a proposta é discutir o conto escolhido como corpus na modernidade, de modo que possamos apresentar a atualidade de Machado de Assis. Para tal ensejo, trataremos do conceito de “grande tempo” proposto por Mikhail Bakhtin, em tradução de Paulo Bezerra (2017). Este conceito estabelece uma compreensão acerca da perenidade das obras através dos séculos, ou seja, o quilate de um texto se revela, nas leituras e novos sentidos adquiridos na perspectiva de cada cultura posterior a sua criação (DEBORD, 2013). A interpretação de uma obra não deve ficar restrita à perspectiva de sua época, denominado de “pequeno tempo”, dado o incipiente entendimento do contexto da sociedade em que foi gerida. Por isso, ao dialogar com duas culturas através do texto

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo. Docente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Campus de Vitória. E-mail: [leticia.carvalho@ifes.edu.br](mailto:leticia.carvalho@ifes.edu.br)

<sup>2</sup> Graduada em Letras-Português - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. E-mail: [maatcora@gmail.com](mailto:maatcora@gmail.com)

machadiano, propomos uma ressignificação por meio da atualidade, com seus valores, e uma expansão na compreensão sobre a sociedade em que foi criada a obra.

A atualidade é marcada pela midiaticização e espetacularização da sociedade (SIBÍLIA, 2016). Tais pontos serão trazidos para auxiliar nessa leitura atualizada sobre o conto “Teoria do Medalhão”, de acordo com os estudos de Guy Debord, em *A Sociedade do Espetáculo* (2013) e de Paula Sibília, em *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo* (2016). Debord (2013) discute a força do capital e da ideologia dominante nos impactos de um modo de vida alienado, voltado ao consumo, impulsionado pela cultura do espetáculo. Tal proposta visa mostrar o acortinamento intencional da racionalidade, pelo poder dominante. Assim, provoca uma glaciação do homem que passa a agir instintivamente como espectador da sociedade sem questioná-la, através da expropriação do seu ser e de sua *Mais-Valia* (DEBORD, 2013). Sibília (2016) disserta sobre um *eu-autor*, comum nos gêneros autobiográficos, produtor de pequenas histórias cotidianas de si que compõe a espetacularização do *eu*. Numa espécie de *show* particular o privado se torna público, diante de um cenário midiático que favorece a exposição da subjetividade peculiar e individual. Há um descortinamento da intimidade que é exposta e vira atração, tudo fabricado pelo próprio indivíduo, como uma performance artística. Embora o conto em análise de Machado de Assis apresente um contexto social e econômico distinto da atual, tal escolha literária nos parece um campo prolífico de estudos na perspectiva moderna, no âmbito da sociedade do espetáculo e da espetacularização do *eu*, propostas por Guy Debord e Paula Sibília.

Assim, a construção de uma análise literária engloba um objeto de investigação, no caso, o conto “Teoria do Medalhão”, em diálogo com um *corpus* teórico que nos ampare e direcione em nossa observação. Neste texto, pretendemos estabelecer uma “[...] teia de relações organizadas numa sequência...” (MOISÉS, 2014, p. 14), a fim de ampliar a construção de sentidos, sobretudo, entre dois distintos séculos, o XIX e o XXI.

Por essa razão, este cotejo teórico se faz importante uma vez que a atual sociedade tecnologizada pelas redes sociais, *selfies*, *blogs* e *reality-shows* busca mostrar a superfície de si, na conquista do sucesso e do reconhecimento. Tal prisma vai ao encontro da sociedade de aparências mostrada no conto. Assim, possibilita uma nova leitura, que enriquece a interpretação do conto machadiano no “grande tempo”, sob a

ótica bakhtiniana. Para isso, será estabelecido um diálogo entre o conto e a sociedade atual de maneiras distintas. Trataremos de sistematizar aproximações e distanciamentos entre os elementos literários extralinguísticos presentes no conto com o referencial teórico selecionado, pela perspectiva do estudante/pesquisador extralocalizado no tempo e suas contribuições (BAKHTIN, 2017).

Diante dos objetivos deste texto, delinaremos a sua organização nas seguintes seções: na primeira abordaremos um breve contexto do conto, bem como a perspectiva da Teoria Crítica Literária Contemporânea. A seguir, realizaremos aproximações e distanciamentos acerca da sociedade do espetáculo e a narrativa machadiana, com os estudos de Debord e Sibília. Por fim, para fecharmos a interlocução teórica apontaremos a leitura de Machado de Assis no “grande tempo” da literatura. Além disso, apresentaremos no encerramento do artigo alguns apontamentos para discussão em consonância com os dados apresentados em nossa interlocução teórica.

### **O conto “Teoria do Medalhão” e a crítica literária: breve contexto**

No conto em análise, “Teoria do Medalhão”, que faz parte da coletânea *Papéis Avulsos* de 1882 (PEREIRA, 2018), esboça-se um cenário de conversa entre pai e filho, de caráter patriarcal, que sugere uma fórmula pronta para o sucesso e a ascensão social, na noite da maioridade do filho. Pereira (2018) aponta para o teor filosófico da conversa para o filho se tornar um “medalhão”, ou seja, alguém de destaque e prestígio na sociedade, “[...] um sujeito sem efetivo valor, mas que através do dinheiro, das amizades ou influências ajeitadas pode alcançar altas posições na esfera social e pública [...]” (PEREIRA, 2018, p. 150). A autora sugere uma relação que o conto estabelece com o discurso de Maquiavel em *O Príncipe*:

O tratado proposto por Machado no conto equivaleria, em parte, aos conselhos que Maquiavel dirige aos príncipes: nos dois textos temos os ensinamentos, vindos por meio da observação, das formas de ascensão aos poderes social (em “Teoria do medalhão”) e político (em *O Príncipe*) e, claro, de sua conservação, mesmo que isso signifique cometer certas atrocidades, seja de caráter, como sugere Machado, seja de crueldade monárquica, como revela Maquiavel (PEREIRA, 2018, p. 151).

Desse modo, Machado de Assis propõe uma reflexão sobre o homem e os contextos sociais do século XIX. Para isso, empreende uma fina ironia para revelar o

lado mais voraz do homem definido por Holanda (1995) em *Raízes do Brasil* como o *homem cordial*. Para ele o brasileiro é capaz de se apoderar do Estado e torná-lo a extensão de seu círculo familiar, voltado aos interesses particulares. Melo (2013) ressalta que diante disso, o contista possui uma visão descrente e incrédula do homem, e por isso denuncia em sua narrativa: “[...] revelando a hipocrisia, a fugacidade e a superficialidade que as caracterizam, bem como as intenções mesquinhas e egoístas que movem o homem brasileiro da segunda metade desse século” (MELO, 2013, p. 3).

Para França e Paula (2017), o cenário do Segundo Império brasileiro em que viveu Machado de Assis foi fértil para suas criações que esboçavam a vida cotidiana e o caráter humano diante delas. Por isso, sua ironia se mescla elegantemente ao humor alinhavando o lado negativo com “intenção” positiva. No conto em análise nesta pesquisa, a degradação humana é revelada pelo aspecto invertido dos valores, ou seja, ser “medalhão” seria algo vantajoso, e por isso, através da conversa, seria o melhor conselho de um pai para seu filho. Sobre a ironia machadiana França e Paula (2017, p. 8) reiteram:

Assim, a ironia, de um lado, é um recurso de estilo e, de outro, é a própria explicitação de que a verdade aparente das coisas é apenas aparente; a ironia revela, escondendo, portanto, ela é central dentro de obras literárias que trabalham com a realidade do mundo, que vive de aparências e convenções. Sem dúvida, é central para entender uma obra como a de Machado de Assis e a crítica que faz à sociedade do século XIX.

Segundo Fiorin (2014) a ironia é uma figura de linguagem de “expressão contrária”, ou seja, “[...] um significado tem seu valor invertido, abarcando assim o sentido x e seu oposto” (FIORIN, 2014, p. 69). Desse modo, quando Machado de Assis transmite um sentido, através de sua linguagem, busca intensificar seu oposto, e por isso, apresenta uma escrita peculiar e diferenciada (FRANÇA e PAULA *apud* VERÍSSIMO, 2017). No conto “Um homem célebre” retrata a vida do músico Pestana, que conquista o sucesso como compositor de polcas. A ironia se apresenta nas tentativas malogradas de se tornar conhecido através da música clássica. O insucesso é justificado por ele ser filho bastardo de um padre. Por fim, o autor apresenta um personagem vitorioso, porém infeliz (FRANÇA e PAULA, 2017).

Em “Teoria do Medalhão” o escritor não economiza estratégias para revelar os princípios para se tornar “medalhão” que são transmitidos de pai para filho. Ele expõe o

lado humano mesquinho aparente como uma realidade naquele contexto. Desse modo, podemos nos aprofundar no pensamento machadiano acerca das particularidades da cultura brasileira e seus desdobramentos quando escreve este conto. Assim, o pai dá conselhos para que Janjão “[...] seja grande e ilustre, ou pelo mesmo notável, que te levantes acima da obscuridade comum [...]” (ASSIS, 1994). E para isso, o ofício que precisa é o de ser “medalhão”:

- Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?
- Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti (ASSIS, 1994).

Ademais, ele continua seu discurso e desvela como deve ser o comportamento e atitudes do filho para ser sempre aceito, sobretudo, ao ocultar sua essência e ser superficial e frugal:

- Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as idéias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida (ASSIS, 1994).

A distinção social através da superficialidade é mostrada como uma atitude comum para quem anseia o prestígio e o *status* social. Ainda, transparece um comportamento ético uma vez que é ensinado pelo pai, figura que perpetua e transmite as tradições e costumes familiares e os valores sociais. Então, o conteúdo soa natural por meio de uma conversa entre pai e filho. Dessa maneira, os contos e romances de Machado de Assis não ofendiam os códigos de conduta familiar, conforme discorre Candido (1995).

Por tal escopo, o conto em análise é explorado pela crítica especialmente pelo viés social. Artigos como de Silva (2008), em *O conto de Machado de Assis a partir de uma perspectiva sociológica*, expõe a complexidade na construção machadiana de retratar sua obra nos aspectos sociais e morais de modo realista pela narrativa ficcionalizada, trazendo a lume as fisionomias da subjetividade humana em seus

personagens. Em Melo (2013), na pesquisa intitulada *Teoria do Medalhão de Machado de Assis*, apresentam-se as ligações entre o patriarcado e a ascensão social, numa crítica. Em *Teoria do Medalhão: o príncipe de Machado de Assis (e suas repercussões)*, de Pereira (2018), encontra-se uma leitura de cunho filosófico, sobre o modo de conduzir a vida pela superficialidade e previsibilidade, típicas da sociedade da época.

No entanto, observamos até o presente momento a ausência de uma abordagem literária pela compreensão da Teoria Crítica Literária Contemporânea sob a ótica da sociedade de aparências como discutem Paula Sibília e Guy Debord. Por isso, sem extrair a relevância do olhar social que compõe a obra machadiana, buscamos incorporar novos sentidos de interpretação e leitura ao conto, em especial em “Teoria do Medalhão”, pelo viés da Teoria Literária. Para tal fim, discutiremos o ensejo a seguir.

### **A sociedade do espetáculo e a narrativa machadiana: aproximações com Guy Debord e Paula Sibília**

A sociedade do espetáculo é proposta por Guy Debord como um desdobramento de uma sociedade dividida em classes e voltada ao consumo, construída e instituída pela classe dominante, como um modelo de vida. Isso passa pela linguagem utilizada ideologicamente através de “[...] uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens” (DEBORD, 2013, p. 14). Segundo o mesmo autor, a autoridade que a economia exerce sobre o sujeito e sua esfera social deteriora a essência humana pela substituição do ser pelo ter, ou seja, as relações sociais estão permeadas pelo prestígio econômico. Logo, o imbricamento dessas estruturas, molda a sociedade em um comportamento massificado que anestesia a compreensão da realidade, e sem a reflexão o homem se torna reproduzidor de comportamentos, no caso, a conduta da classe com que anseia parecer. O ideário de acumulação de bens e consumo e de acessibilidade é fomentado pelos meios de comunicação de massa, que trabalham em favor da burguesia. Então, a unidade é superficial, se dissolve na separação entre as classes, conforme tece Debord (2013) e se dá através do trabalho proletário. Desse modo, a liberdade é cerceada e controlada. Há uma cisão do indivíduo que é separado de seu trabalho, e por aquilo que produz que o condiciona ao isolamento. Observe o que diz Debord (2013, p. 23):

A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade dessa perda: a abstração de todo trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo *modo ser concreto*, é justamente a abstração. [...] O espetáculo reúne o separado, mas reúne como separado.

O isolamento favorece o espetáculo e concretiza a alienação que o capitalismo impõe. Viana (2002) discute que a sociedade moderna está imersa na lógica capitalista das relações humanas voltada à performance. Agamben (2002) disserta sobre o pensamento de Debord ao compreender que o espetáculo se esboça também na política e na opressão ao povo, e se solidifica na desapropriação do homem, alienando-o para a espetacularização. Portanto, a comunicação é a ferramenta que une e separa, ao mesmo tempo, em que torna espetacular o que é dito e exposto, seja pela linguagem ou pela imagem:

[...] a linguagem (a natureza lingüística do homem) mantém-se no novo esconderijo e separado e atingido assim pela última vez o poder de se referenciar como o não-dito de uma época histórica ou de um estado: a era do espetáculo, ou do Estado do niilismo consumado. É por isso que o poder estabelecido sobre a suposição de um fundamento oscila hoje sobre todo o planeta e os reinos da terra se encaminham uns depois dos outros rumo ao regime democrático-espetacular que é a consumação da forma estatal (AGAMBEN, 2002, p. 76).

Desde o século XIX, a industrialização movimentou o desejo de acúmulo de capital, e o produto, o objeto do fetiche, ainda sem a relação social. A modernidade é marcada pela transfiguração da mercadoria nas relações sociais, alinhados ao modo de produção e ao consumo alienados (AGAMBEN *apud* GOMBIM, 2002, p. 39).

Sibília (2016) explana que a cultura moderna, marcada pela globalização, é percebida pela hipertrofia do *eu*, na espetacularização da intimidade, ou seja, o cidadão comum, movimentado pelo impacto das mídias, ganhou visibilidade. A cibercultura obrigou a sociedade a se organizar. Por essa razão, o século XXI está marcado por essa relação midiaticizada que o mercado prontamente absorveu e da qual se apropriou como força motora na comercialização em massa de seus produtos. A união das redes sociais e das câmeras digitais alavancou a exposição do indivíduo, e de igual modo, dos produtos. A autora tece que a sociabilidade moderna passa pelas esferas da visibilidade e da conexão:

A visibilidade e a conexão sem pausa constituem dois vetores fundamentais para os modos de ser e estar no mundo mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos conosco, com os outros e com o mundo (SIBÍLIA, 2016, p. 21-22).

A perspectiva da autora corrobora com o que discorre Debord (2013) sobre a sociedade do espetáculo, e para ele, o espetáculo se configura em “[...] o que aparece é bom, e o que é bom aparece” (DEBORD, 2013, p. 16-17). Por isso, aponta que a sociedade espetacularizada se compõe na relação social mediada por imagens, ou seja, precisa aparecer incessantemente e de forma positiva. Logo, aguçado pelo modo de produção vigente, a mercadoria, seja o *eu* ou o produto comercializado, encontrou espaço no espetáculo e se concretiza numa relação de total domínio sobre o homem que, hipnotizado, nega a sua existência e da sua realidade, ao primar pela imagem. Assim, o *eu* se metamorfoseia em produto como resultado da produção econômica moderna. Esta transfigura o espetáculo em real, e nada é permitido ver além da mercadoria que aparece. O escritor francês conclui que “Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente (DEBORD, 2013, p. 15). Desse modo, quando o capital domina o homem, ele tem como fetiche o produto, que está na imagem.

Assim, cotidianamente um volume alto de histórias e informações é produzido e compartilhado. A possibilidade de ser um autor de si e das histórias que produz desembocou também na esfera literária com a autoficção. A nova tendência literária é expressa pela fusão do autor-narrador-personagem na mesma pessoa (NASCIMENTO, 2010). Tal característica trouxe proximidade entre o leitor e o autor, por permitir uma linha tênue entre a ficção e a realidade. Desse modo, a performance apresentada pelo indivíduo é esboçada de acordo com sua intenção, em como deseja se apresentar à sociedade, e assim se forma o espetáculo (SIBÍLIA, 2016). A realidade mostrada pelo indivíduo o aproxima dos espectadores, que esperam a próxima aparição nos *stories* ou nas *selfies*. Debord (2013) esclarece que “Quanto mais sua vida se torna seu produto, tanto mais ele se separa da vida” (DEBORD, 2013, p. 25). Para o mesmo autor, o poder da espetacularização da sociedade está no motivo do sujeito atual ter prazer em ser espectador.

Diante das considerações, ao analisarmos o conto “Teoria do Medalhão” escrito no século XIX, sob a ótica das reflexões de Sibília e de Debord, o conto parece muito

atual, pois percebemos que o distanciamento temporal entre ambos se desfaz em modos distintos. Primeiro compreendemos que na sociedade descrita por Machado de Assis, no texto, o sujeito alcançava a fama através da cotidianidade, que levava à notoriedade entre as pessoas. Isso acontecia de forma intencional, como notamos na construção do discurso do conto, no qual o autor parece nos mostrar um manual de como ser um “medalhão”. Segundo, porque hoje, no século XXI, vivemos em uma sociedade com um alto grau de espetacularização que não havia no tempo em que o conto foi escrito. Tal processo foi alavancado pelas redes sociais, pelas mídias e pela indústria cultural. Por essa razão, percebemos um “esvaziamento” ético e moral do sujeito muito maior do que no século XIX, ainda que a sociedade ao tempo de Machado de Assis também se constituísse por relações superficiais e gananciosas.

Na imagem que temos do sujeito apresentado pelo romancista, “o medalhão”, é levado ao menor esforço para viver e agir. Precisa desconsiderar a originalidade e a criatividade, bem como o saber científico e a reflexão, em prol da manutenção do *status quo*, pela subordinação e da acomodação intelectual (MELO, 2013). Dialogando com Sibília (2016) o *eu* deve estar em evidência em um jogo de interesses particulares, movimentado pela ambição do sucesso e da distinção social. Observemos os dois exemplos nos trechos da obra:

Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil (ASSIS, 1994).

Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante (ASSIS, 1994).

Nos dois trechos, os conselhos do pai tratam de normalizar o comportamento de ser “medalhão”, como uma via para a conquista das aspirações materiais e individuais. Hoje notamos que as pessoas anseiam mais “parecer ser” e “parecer ter” para alcançar

curtidas e notoriedade no universo digital, por exemplo, quando alguém tira uma foto com um carro Ferrari que não é seu, e esta imagem “viraliza” na rede. A exposição que visualizamos hoje é exponencialmente maior do que no período em que foi escrito o conto machadiano. Cruz (2017) pontua acerca das reflexões de Sibília (2016) que cada sociedade em seu tempo e lugar valoriza e dita determinados comportamentos para ser e estar, naquele contexto social. Desse modo, podemos extrair a atualidade no conto machadiano, percebendo que através dos séculos não houve mudanças em uma esfera da sociedade no que se refere às ambições humanas na ânsia da conquista do prestígio e do destaque social, no entanto são potencializadas, nas redes sociais e nas relações hodiernas, alterações profundas na superficialidade que impera nos sujeitos pelo esvaziamento dos valores morais. Logo, a leitura distinta entre os séculos XIX e XXI, sem anacronismos, pode ser feita no sentido de que elas se diferenciam por apresentarem além do suporte tecnológico, a projeção de sujeitos mais alienados, fragmentados e vazios. Por exemplo, no conto machadiano, o Medalhão, granjeia reconhecimento por conseguir estabelecer alianças com a elite econômica e política, através da troca de favores e dos jogos de poder que envolvem subserviências e privilégios. No entanto, no contexto atual, não há necessariamente esse acordo com a elite dominante, mas sim a ideia de que basta transparecer-se pertencente a um *status* econômico e/ou político abastado para que se adquira tal reconhecimento. Portanto, o século atual possui e fomenta sobremaneira a sociedade de aparências, na espetacularização do *eu*, e pelo inflacionamento das subjetividades. Estas perspectivas corroboram nas reflexões apresentadas por Debord (2013) e Sibília (2016).

Ademais, as duas sociedades distantes temporalmente podem se distinguir pelos aspectos patriarcais e pelo teor moral concedido. Quando analisamos o texto, o pai impõe ao filho suas expectativas para que Janjão seja aquilo que ele não foi, pois não teve instrução: “Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai [...]” (ASSIS, 1994). A ideia transmitida é de que Janjão é privilegiado por ter um pai que o instrui a ser um “medalhão” ainda jovem, para que alcance todos os méritos por iniciar cedo na “carreira”. Dessa forma, podemos aproximar o conto da atual sociedade, na expressão de uma cultura que é estruturada para continuar a perpetuar os valores da elite burguesa e seus interesses, guardadas as especificidades de cada período, através de um modo de vida que valoriza a

superficialidade e a ausência de reflexão crítica expressos na necessidade de ser notável, como no conto, ou parecer notável nos dias atuais. Tais valores são evidenciados no século XIX na exploração e na divisão do trabalho proletário, e por ele, se manifesta a expropriação do ser, a alienação que se sobrepuja ao valor da mercadoria através das relações sociais e de produção abstratas (Debord, 2013). Em contrapartida, nos tempos atuais, o mercado financeiro é o capitalismo hegemônico que regra a sociedade, e traz consigo o distanciamento das relações pelos algoritmos que substituem de algum modo a sociabilidade. Ademais, para uma compreensão mais ampla sobre a atualidade no texto machadiano trataremos a seguir, da perspectiva do “grande tempo” de Mikhail Bakhtin.

### **Ler Machado de Assis no “grande tempo” da Literatura: diálogos com Mikhail Bakhtin**

Mikhail Bakhtin (2017) disserta sobre a necessidade de a Ciência da Literatura estabelecer um liame mais próximo com a História da Cultura. Sua justificativa está nas contribuições que ambas podem trazer para a análise de obras literárias. Embora as margens dessas estruturas mudem em diferentes períodos, continuam ricas principalmente quando transcendem suas épocas, sobretudo, quando utilizadas como apoio para dar novos sentidos nos textos literários. Sobre isso o teórico russo esclarece nesse excerto:

O chamado processo literário de uma época, se estudado isoladamente de uma análise profunda da cultura, reduz a uma luta superficial entre as correntes literárias e, para a modernidade (particularmente para o século XIX), reduz-se, em essência, ao sensacionalismo das revistas e jornais, que não exerce influência de peso sobre a grande, a autêntica literatura de uma época (BAKHTIN, 2017, p.12).

Desse modo, Bakhtin (2017) tece sobre a relevância de romper as fronteiras do tempo para que seja possível um diálogo mais produtivo entre a literatura e a cultura, em sua esfera histórica, no contato com o texto literário. Logo, segundo ele, se o fazemos sem considerar tais perspectivas em consonância limitados somente em sua cultura, de sua época de criação é fechá-la e reduzi-la. A este modo de olhar as composições literárias, restritas em seu tempo, ele chamou de *pequeno tempo*. Sobre isso, explica: “[...] quando tentamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das

condições da época mais próxima, nunca penetramos nas profundezas dos seus sentidos” (Bakhtin, 2017, p.14).

Portanto, a análise de uma obra literária se completa quando passado e futuro dialogam, ou seja, no confronto entre duas culturas, a do contexto em que o texto foi escrito, e a conjuntura do leitor nas sociedades posteriores a sua criação. Tal contato entre sociedades distintas possibilita que o texto se perpetue no tempo, por permitir uma leitura repleta de novos significados. Assim, o autor deixa de estar enclausurado em seu tempo, uma vez que as óticas da Ciência da Literatura e a História da Cultura cumprem esse papel de colaborar em sua perenidade (BAKHTIN, 2017). Ainda, pondera que não é suficiente olhar somente a posteridade da obra, visto que ela não poderá sobreviver se não estiver presente em si, os séculos anteriores. As duas áreas em discussão neste item permitem compor uma análise mais enriquecedora sobre a literatura, e por esse viés fomenta a permanência desse texto através dos séculos, ou seja, sua totalidade está no que ele denomina de “grande tempo” (BAKHTIN, 2017), conforme o excerto:

As obras dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e além disso levam frequentemente (as grandes obras, sempre) uma vida mais intensa e plena do que sua atualidade. [...] uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude se revela no *grande tempo* (BAKHTIN, 2017, p. 14-16).

Para clarificar este pensamento, Bakhtin (2017) exemplifica sobre as diferentes concepções que podemos ter a respeito da Antiguidade: em seu tempo um entendimento, que pode soar estranho, ou mesmo oculto a ela mesma, diante de todo aparato teórico que temos na atualidade que nos fornece uma gama de conhecimentos e visões, até então impensáveis naquele contexto. Por isso, conforme esclarece o teórico, hoje sabemos muito mais acerca do Mundo Antigo do que aqueles que o vivenciaram em seu tempo. A título de ilustração, destacamos que a Revolução Científica desenvolveu disciplinas como História, Geografia, Antropologia e Arqueologia, cujas ferramentas e metodologias de conhecimentos nos possibilitam uma gama muito maior de informações acerca do Mundo Antigo do que para aqueles que viveram em sua época.

Neste escopo, o dialogismo (FIORIN, 2018) se faz imperativo entre os domínios da Ciência da Literatura e da História da Cultura, como um caminho para se alcançar a

atualidade das obras. Isso é possível pelo embate entre as culturas do autor e seu discurso no texto literário com a concepção do estudante/pesquisador contextualizado em seu tempo. A riqueza desse encontro está no diálogo entre as duas culturas, em que “[...] elas não se fundem, nem se confundem, cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN, 2017, p.19). Assim sendo, são alcançados novos lugares de interpretação desde o momento em que estabelecemos contatos entre os dois enunciados; do texto do autor e de nossas buscas e pretensões sobre ele (FIORIN, 2018). Tais aproximações ampliam os horizontes de sentido. Bakhtin (2017, p. 26-27) esclarece:

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. [...] O encontro de duas consciências no processo e estudo do enunciado.

Então, para que a obra ganhe novos sentidos no decorrer do “grande tempo”, precisamos considerar os enunciados: contextos, histórias e culturas, estabelecendo pontos de contatos entre ambas. Como disserta Moisés (2018) “[...] a análise das forças-motrices desvenda a existência de ingredientes que nem sempre se encerram na mesma obra, mas fora, posto que determinados por ela” (MOISÉS, 2018, p. 41). Diante disso, podemos compreender a importância desse viés para a compreensão não apenas da Literatura, mas das demais esferas artísticas que existem e se articulam com os contextos sociais das sociedades em que nascem. Por exemplo, o mercado cultural contemporâneo tem se sedimentado sob o contexto “[...] da visibilidade, da conexão e do compartilhamento sem pausa” (SIBÍLIA, 2016, p.33).

No âmbito literário, o conto em análise “Teoria do Medalhão” escrito no Século XIX, se revela uma obra atemporal. Porém, precisamos “[...] equacionar a mundividência de Machado de Assis” (MOISÉS, 2018, p. 41), ou seja, para compor a análise de um texto do autor devemos dosar o quanto será levado em conta de sua biografia, do contexto sociocultural em que foi escrito, para estabelecer o diálogo com os contextos de outras sociedades no “grande tempo”.

Desta maneira, a sociedade de aparências, mostrada no texto, aproxima-se da atual, pelo viés da superficialidade e do modo de vida frívolo, ao mesmo tempo em que

se diferenciam pelo impacto das mídias digitais na atualidade, as quais inflacionam ainda mais uma vida de aparências, acrílica e rasa que Assis (1994) revela:

As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra, razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regime, durante oito, dez, dezoito meses - suponhamos dois anos, - reduces o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum.

O diálogo expõe a superfície humana em sua mazela moral, na ânsia por uma colocação na sociedade de modo destacado. Machado de Assis parece escrever um manual a ser seguido por aqueles que pretendem ser candidatos a “medalhão”. E para isso, o indivíduo deve desapropriar-se de suas ideias e opiniões, sobretudo se forem originais (PEREIRA, 2018). Desse modo, os ensinamentos transcorrem numa inversão de valores, e será aprendida através do exercício cotidiano até parecer natural, para a completa apropriação das condutas pelo filho. O texto indica que na concepção paterna, ser “medalhão” é visto como algo essencialmente valoroso e apropriado para obter sucesso na vida e distinção social. Ademais, conforme indica Melo (2013), a linguagem é utilizada como um recurso para estampar o domínio, mas não evidenciar um raciocínio próprio. O filho deve abster-se ao máximo de suas concepções, numa espécie de paralisia sociocultural: “Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das idéias; há de ser naturalmente simples, tíbio, apoucado [...]” (ASSIS, 1994).

O destaque social também é um viés explorado nos ensinamentos do pai. Enquanto no conto o esforço do pai é para que o filho, através da superficialidade, alcance o prestígio social para “ser” bem-sucedido, na atualidade percebemos que sob o prisma das reflexões trazidas por Sibília (2016) e Debord (2013) o esforço é para “parecer” alguém destacado e de prestígio social. O pai ensina como se fazer notável e “aparecer” sobre os demais ao exercitar a autopromoção “agradando” as pessoas nos trechos em destaque:

Longe de inventar um tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. [...] Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa (ASSIS, 1994).

Janjão é moldado a performar a promoção de si mesmo, para sempre ser destacado e notado. O pai exemplifica que não importa a circunstância em que se encontre, sempre há uma possibilidade de se autopromover e “aparecer” entre os demais. Em outro trecho destacamos que tal situação é reforçada:

Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção. [...] No caso de que uma comissão te leve a casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d'água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação (ASSIS, 1994).

Neste diálogo, o pai enumera hipóteses e situações em que Janjão pode se “beneficiar” de um enaltecimento de si. Dentre elas, está ao final do discurso, a condição de recorrer aos jornais para divulgação da comemoração ou honraria “[...] se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos repórteres dos jornais” (ASSIS, 1994). Assim, o teor da conversa segue “[...] relativizando os conceitos da moralidade e da imoralidade [...]” (PEREIRA, 2018, p. 156), e apresenta inúmeras oportunidades sem deixar margem para a escolha de outro caminho a ser seguido.

Portanto, podemos perceber que o contexto do conto machadiano no que tange ao soterramento do *eu*, das particularidades do sujeito e da autopromoção de si, se esboça nas sociedades tanto do século XIX quanto no XXI. Atualmente, há uma potencialização desses aspectos por estarmos imersos em um universo digitalizado, que favorece a espetacularização do *eu*, da mercadoria e do eu enquanto produto. Logo, a imagem é superestimada como explana Debord (2013). Por isso, é importante

construirmos esse diálogo sobre o texto machadiano, trazendo os aspectos da sociedade contemporânea no “grande tempo” bakhtiniano. Desse modo, configuramos novos sentidos ao texto, bem como, a ampliação de nossa visão sobre a sociedade em que o texto foi escrito. Destaque para a possibilidade dessa abordagem, de olharmos com atenção os efeitos da nuvem digital em outras plataformas comunicativas e nas diversas manifestações artísticas da atualidade conforme, discute Sibília (2016).

### **Os caminhos de um diálogo: apontamentos para discussão**

Bakhtin (2011) tece que só encontramos a essência de um texto ao colocá-lo em conexão com outro texto. Ainda, segundo ele, na esteira desse encontro também se comunicam os indivíduos, o que possibilita a eclosão de sentidos para uma interpretação prolífica (BAKHTIN, 2011). Ele assegura que a dialogicidade é “O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade” (BAKHTIN, 2011, p. 398). Por essa razão, concordamos com sua afirmação de que o contexto extralinguístico da obra deve ser considerado e avaliado na construção do jogo de significados sobre o conto. Sobre isso, afirma:

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se em contato com outro sentido (do outro). [...] Ele sempre deve contatar com outro sentido para revelar os elementos da sua perenidade (como a palavras revela os seus significados somente no contexto) (BAKHTIN, 2013, p. 41).

Assim, nos aprofundamos nas significações que estão além das aparências da superfície do texto. Do contrário, o pensamento, assim como o peixe, pode encontrar as paredes do aquário, sem jamais conhecer as profundezas de um oceano, conforme alude Bakhtin (2017). Por fim, para ele não existe nada morto, “[...] cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do *grande tempo*” (BAKHTIN, 2017, p. 79).

O contato com o conto “Teoria do Medalhão”, chama-nos a atenção pelo fato de termos a impressão de estar lendo algo escrito recentemente. O incômodo trazido sobre a sociedade de aparências, retratado por Machado de Assis, persiste e nos estimula a construir esta interlocução, ao percebermos a possibilidade de dialogar com duas distintas culturas como as do século XIX e XXI, através das reflexões sobre os estudos de Guy Debord, Paula Sibília e Mikhail Bakhtin. Entendemos que tal abordagem nos permitiria contribuir na ampliação da compreensão a respeito da obra machadiana.

Permitir a aproximação com a teoria da espetacularização da sociedade e do *eu* inflacionado, coaduna com o que Mikhail Bakhtin propõe sobre renovação de uma obra, através de novas interpretações. Por isso, o diálogo com as Ciências da Literatura e a História da Cultura é intrínseco para a compreensão diante de um tempo indeterminado (BAKHTIN, 2017). Nessa conexão, a comunicação se desenvolve através da dialogicidade para elucidar “A compreensão recíproca entre os séculos e milênios, povos e nações [...]” no qual “[...] tudo se revela no nível do grande tempo” (BAKHTIN, 2017, p. 74). Desse modo, as obras podem renascer e ganhar novos lufos ao serem analisadas na perspectiva de outras culturas.

Ao contatarmos o *Show do Eu: a intimidade como espetáculo*, de Paula Sibília, com o conto, notamos imbricamentos da sociedade espetacularizada, focada na popularização individual através do compartilhamento de imagens. Quanto mais positiva, mais atenção e visibilidade se consegue, maior é o foco de anunciantes em promover seus produtos. O que acontece é que “Hoje postam-se assuntos pensando primeiro em popularidade e repercussão, e depois no conteúdo propriamente dito” (SIBÍLIA, 2016, p. 44). Neste contexto, há uma subtração da realidade e a imagem se torna a verdade real (DEBORD, 2013). A performance produzida contribui na exacerbação do *eu*, e o indivíduo processa um apagamento de si, para estimar o objeto de desejo do consumo, que ganha vida. Quanto mais a pessoa e/ou o *Influencer* transmite a ideia de conversa entre amigos, na divulgação de um produto, como uma dica pessoal, maior é o grau de verdade transmitida, e mais credibilidade alcança a marca (SIBÍLIA, 2016). Tal perspectiva culmina na ficcionalização do *eu*. Dentro desse contexto, em “Teoria do Medalhão”, percebemos que o pai, através de uma conversa, revela os caminhos para o sucesso e prestígio na contramão dos valores universais e humanos, que hoje se encontram imensamente mais em crise do que à época de Machado de Assis. O universo ficcional machadiano escancara a mediocridade humana, que não mede esforços para se autopromover, de modo que pareça louvável tal comportamento. Neste ponto, a espetacularização do *eu*, se conecta em ambas as circunstâncias, no qual os contextos socioculturais tanto dos séculos XIX e do XXI são favoráveis a alienação por meio da soberba de determinadas camadas da sociedade, potencializada pelo modelo capitalista contemporâneo, conforme descreve Debord (2013). Enfim, os aspectos degradantes e desumanizadores, de igual modo, são

destacados tanto no texto literário, quanto no panorama abordado pela Teoria Crítica Literária Contemporânea.

Diante da discussão proposta, entendemos ser relevante a abordagem de dialogar com a atualidade do autor e da obra, com a atualidade do estudante/pesquisador extralocalizado, conforme explana Bezerra *apud* Bakhtin (2017), pois “É nesse contato que ele revela sua perenidade, sua capacidade de por em contato culturas distantes no espaço e no tempo” (BEZERRA *apud* BAKHTIN, 2017, p. 93). Conseguir compreender o conceito de “medalhão” de duas culturas distantes por mais de um século (XIX e XXI), só foi permitido em face dos conceitos do “pequeno tempo” e do “grande tempo”. Este último se faz essencial por abarcar todo o conhecimento adquirido através dos séculos, visto que inspiram “[...] frescor e vida nova nas obras do passado graças à natureza rediviva dos sentidos que a embasam” (BEZERRA *apud* BAKHTIN, 2017, p. 93), transcendendo a esfera particular de seu tempo.

No âmbito de nossas considerações teóricas, procuramos trazer para discussão a análise literária na perspectiva da Teoria Crítica Literária Contemporânea como caminho para se alcançar a atualidade do conto machadiano “Teoria do Medalhão”. Para isso, propusemos a abordagem levando em consideração as reflexões que trazem os estudos de Guy Debord em *Sociedade do Espetáculo* (2013), de Paula Sibília em *O Show do Eu* (2016), sob o prisma dos conceitos de “grande tempo” de Mikhail Bakhtin em tradução de Paulo Bezerra. Então, foram consideradas as nuances extralinguísticas do texto sobre as duas culturas distintas dos séculos XIX e XXI.

Por meio deste escopo, a análise interpretativa buscou estabelecer pontos de aproximações e de distanciamentos dialogicamente entre elas, sem anacronismo. E para haver o equilíbrio, trilhamos percursos sem ultrapassar as margens do “pequeno e do grande tempo”, dos limites do quanto nos apropriamos da biografia do autor, e sua cultura e dos conhecimentos universais acerca da atualidade. Desse modo, tentamos dosar os temperos teóricos para não termos uma visão reduzida, ou limitada da obra. Por isso, buscamos dialogá-las como forma de enriquecerem nossa análise, considerando o domínio pertencente às obras que conforme Bakhtin (2017) aduz: “As obras dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos, no *grande tempo*, onde são lidas de um modo novo, interpretadas, reavaliadas noutros contextos culturais” (BEZERRA *apud* BAKHTIN, 2017, p. 86). É exatamente aqui, que encontramos o

quilate de uma obra, sobretudo, no conto “Teoria do Medalhão”. Sua possibilidade de atravessar os séculos passa pela hipótese de podermos realizar novas interpretações, e mais profundas através das contribuições dos conhecimentos da história, das ciências, das culturas. Tal ângulo nos permite fazer renascer a obra, ou seja, como um arqueólogo literário, interpretamos de forma criadora no grande tempo, de modo distanciado no espaço e na cultura (BAKHTIN, 2017).

Por essa razão, se constrói a importância de continuarmos a ler os clássicos no mundo hodierno, com destaque para o conto em análise nesta pesquisa. Sua riqueza se esboça principalmente por encontrarmos pontos de convergência entre as duas culturas, a do Século XIX e a do Século XXI. Assim, ao lermos na contemporaneidade configuramos sua permanência no “grande tempo” de Bakhtin (2017) por contextualizarmos nos valores que permeiam a sociedade atual, que se configura na sociedade espetacularizada e na espetacularização do *eu*. Desse modo, coparticipamos em sua trajetória pelos séculos futuros, pois como coadjuvantes, a interpretação criadora intensifica a riqueza de sentidos na interpretação mais profunda para a posteridade (BAKHTIN, 2017).

Enquanto leitores, nosso papel é conseguir dialogar com as culturas e contatá-las no universo de valores que pertencem tanto ao estudante/pesquisador, como interpretante, quanto no que contempla o objeto interpretado. Através da linguagem estabelecemos o diálogo entre os enunciados e o texto, em um processo comunicativo, pois sua natureza é dialógica (FIORIN, 2018). Por isso, a sua vida se completa no contato com o leitor e seus discursos através dos tempos.

Conforme disserta Bezerra (2017), o leitor atual de Machado de Assis, tem a possibilidade de conhecer muito mais sobre o autor e sua obra do que os leitores de sua época. E aos leitores do futuro poderão compreender muito mais sobre estas culturas, aqui discutidas.

A literatura, conforme Candido (2011), é um direito do homem, bem como o acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade. E o contato com o texto literário possibilita nossa expansão intelectual, particularmente, em nossa visão acerca do mundo de modo localizado e global. Tais percepções acontecem uma vez que entramos em contato com o texto, em algum momento, nos auxiliarão na extensão da compreensão para além de nós mesmos. Além de formar nossas reflexões, contribuem na construção

de nossas emoções, tem o poder de nos instruir de modo sensivelmente humanizado, e de colaborar na formação de nossa essência. Como instrumento cultural, é uma autoridade para nos descortinar da alienação e do congelamento crítico, que é estimulado pelos comportamentos massificados que os modos de produção modernos e contemporâneos ocupam nas sociedades (DEBORD, 2013). A literatura clássica tem o poder de revelar os valores que as sociedades vivenciam, sobretudo, obras como “Teoria do Medalhão” e por isso, conclui Cândido (2011): “Os valores que a sociedade preconiza, ou os considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia, e da ação dramática” (CANDIDO, 2011, p. 177).

Então, ao suscitar nossa identificação ou a repulsa por determinado personagem, sedimentamos nossos valores, organizamos nossas ideias e potencializamos o papel humanizador do texto, conforme Cândido (2011). Por isso, seu valor está em nos fornecer ferramentas para viver dialeticamente confrontando e ressignificando o que nos é apresentado seja na vivência cotidiana, ou em contato com as composições artísticas, pois cria eco em nosso interior, e por isso transcende no tempo.

Por fim, Sibília (2016) exprime que diante do contexto das tecnologias digitais parece inevitável que não sejamos atingidos pela espetacularização da sociedade e do “eu”, uma vez que o sistema é articulado de forma tão dominante que automaticamente, somos convertidos “[...] nas personalidades do momento” (SIBÍLIA, 2016, p. 47). Logo, o conto literário, através de fina ironia de Machado de Assis, em “Teoria do Medalhão”, no âmbito do cunho positivo da conversa, parece mostrar ao leitor exatamente o que não se deve fazer, ou como, percebemos um “medalhão” em nosso meio.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Glosas marginais aos “comentários sobre a sociedade do espetáculo”*. Potlatch, 2002. Disponível em <[Potlatch - Rizoma.net | Comunismo | Vladimir Lenin \(scribd.com\)](http://Potlatch - Rizoma.net | Comunismo | Vladimir Lenin (scribd.com))> Acesso em 16 fev. 2021.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. Disponível em:< <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000232.pdf>>. Acesso em 14 fev. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CASTELLO, José Aderaldo. Ideário crítico de Machado de Assis: breve contribuição para o estudo de sua obra. *Machado de Assis em linha*, v. 6, n. 12, dezembro. Rio de Janeiro, 2013, p. 01-14.

CRUZ, Helena Maffei. O show do eu: a intimidade como espetáculo – Paula Sibília. *Nova perspectiva sistêmica*, n. 57, abril. Rio de Janeiro, 2017, p. 125-127.

DEBORD, Guy. Considerações sobre a Sociedade do Espetáculo. In: *A sociedade do espetáculo*; Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FRANÇA, Raimunda Inês Gonçalves; PAULA, Douglas Ferreira de. *Humor e ironia nos contos de Machado de Assis: “o enfermeiro” e “um homem célebre”*. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Federal do Amazonas. Amazonas, 2017. Disponível em: <[\\*TCC-Letras-2017-Arquivo.021.pdf \(ufam.edu.br\)](http://ufam.edu.br/TCC-Letras-2017-Arquivo.021.pdf)> Acesso em: 5 mar, 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO, Alice Bueno. *Teoria do medalhão de Machado de Assis*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

NASCIMENTO, Evando. Matérias-primas: da autobiografia a autoficção - ou vice-versa. In: *Cadernos de estudos culturais*, v. 2, n. 4, p. 59 – 75, jul./dez. Campo Grande/MS, 2010.

PARRINE, Raquel. Aspectos de Teoria do Conto em Machado de Assis. *Revista online de Literatura e Linguística Eutomia*, vol. 1, n. 03. Universidade Federal de Pernambuco, 2009, p. 472-484.

PEREIRA, Cilene Margarete. “Teoria do Medalhão”: o príncipe, de Machado de Assis (e suas repercussões). *Revista Língua & Literatura*, v. 35, n. 20, jan./jun. 2018, p. 150-164.

SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Elaine da Conceição. O conto de Machado de Assis a partir de uma perspectiva sociológica. *Revista Miscelânea*, vol. 4, jun/nov. UNESP, 2008.

*Revista de Letras Norte@mentos* DOI: <https://doi.org/10.30681/1983-8018>

SODRÉ, Werneck. *História da literatura brasileira*. 7. ed. São Paulo: DIFEL, 1982.

VIANA, Nildo. *Debord e a sociedade do espetáculo*. Potlatch, 2002. Disponível em <[Potlatch - Rizoma.net | Comunismo | Vladimir Lenin \(scribd.com\)](#)> Acesso em 16 fev. 2021.

## MACHADO DE ASSIS AND THE SOCIETY OF SPECTACLE: DIALOGUES IN THE GREAT TIME FROM THE SHORT STORY “TEORIA DO MEDALHÃO”

### ABSTRACT

In this article we seek to establish approximations between two distinct cultures: the 19th and 21st century cultures, based on the analysis of Machado de Assis's short story, "Teoria do Medalhão". For this, we seek the dialogue of the machadian text with contemporary literary criticism through the reflections of Guy Debord in the work *Sociedade do Espetáculo*, by Paula Sibília in *The show of the self: intimacy as a spectacle* and of Mikhail Bakhtin with the concept of "great time" in translation by Paulo Bezerra. Through this dialogue, we aim to expand the construction of meanings in literary reading and find the actuality of the Machado de Assis short story tale two centuries after its creation.

**Keywords:** Great time, Literature, Machado de Assis, Show society.